

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS - A GUERRA NO CINEMA (PARTE III):
PARA ALÉM DO CAMPO DE BATALHA
29 de novembro de 2023

GARDENS OF STONE / 1987

(*Jardins de Pedra*)

um filme de Francis Ford Coppola

Realização: Francis Ford Coppola / **Argumento:** Ronald Bass, baseado num romance de Nicholas Proffitt / **Fotografia:** Jordan Cronenweth, A.S.C. / **Production Designer:** Dean Tavoularis / **Montagem:** Barry Malkin / **Música:** Carmine Coppola / **Guarda-Roupa:** Willa Kim, Judianna Makovsky / **Direcção Artística:** Alex Tavoularis / **Som:** Richard Beggs / **Interpretação:** James Caan (Clell Hazard), Anjelica Huston (Samantha Davis), James Earl Jones ("Goody" Nelson), D.B. Sweeney (Jackie Willow), Dean Stockwell (Homer Thomas), Mary Stuart Masterson (Rachel Feld), Dick Anthony Williams (Slasher Williams), Lonette McKee (Betty Rae), Sam Bottoms (Tenente Webber), Elias Koteas (Pete Deveber), Larry Fishburne (Flanagan), Casey Siemaszko (Wildman), Peter Masterson (Coronel Feld), Carlin Glynn (Mrs. Feld), Erik Holland (Coronel Godwin), Bill Graham (Don Brubaker), etc.

Produção: Michael I. Levy e Francis Coppola / **Produtores Executivos:** Stan Weston, Jay Emmett e Fred Roos / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, legendada em português, 111 minutos / **Estreia Mundial:** Los Angeles, 24 de Abril de 1987 / **Estreia em Portugal:** Nimas e Quarteto, a 18 de Setembro de 1987/ Ante-estreia europeia no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, integrado no Ciclo Francis Ford Coppola, co-organizado por aquela Fundação e pela Cinemateca, a 27 de Junho de 1987.

De pompa e circunstância – e do que nelas há de mais nobre e de mais comovido – nos fala e nos mostra **Gardens of Stone**, sequência lógica do "Ciclo Vietname" no modo como o cinema americano o figurou e, sobretudo, sequência lógica do fascínio que Francis Coppola sempre demonstrou pela noção de "família", pelos rituais que tecem o seu suporte e pela "responsabilidade" que a integração na família – numa família – sempre comporta. Família, rituais e responsabilidade. Tudo isso se diz, tudo isso se mostra em **Gardens of Stone**, um dos mais tristes, um dos mais pungentes, um dos mais amargos dos filmes de Coppola, obra desenhada pela luz, poucas vezes quente e íntima, quase sempre temperada pelo azul triste do desencanto ou pelo verde frio da intemporalidade.

Gardens of Stone é o filme que nos mostra que a razão só pode ser triste, mas que pode também ser serena e firme, o que explica o facto deste filme nos reenviar inapelavelmente para aquele universo fordiano, em que a honra e o cavalheirismo subsistem, mesmo quando se pressente que todos os outros valores tinham já amargamente sido consumidos na voragem do tempo e da mudança. Por baixo do fino véu da tristeza e da amargura está a firmeza de quem "se sente tão bem como pensa", para citar o que o próprio Coppola disse dos militares com quem colaborou durante as filmagens.

A quem procure situar genealogicamente, no cinema de Coppola, este **Gardens of Stone**, **Apocalypse Now** surgirá como o parente legítimo e inevitável. Todavia, e se bem que o Vietname funcione entre eles como um laço profundo e obrigatório, não podia haver filmes mais diferentes na letra e no espírito. **Apocalypse Now** é um filme operático e imperial, enquanto **Gardens of Stone** nos aparece como um drama poético, filmado como se a América fosse uma pequena e desconhecida comunidade. Isso explica talvez que, apesar do Vietname como denominador comum, não seja em **Apocalypse Now** que **Gardens of Stone** encontre a sua "chave" genética, mas sim numa linhagem que vem de **Rain People** e **Peggy Sue Got Married**, filmes em

que o tema da “responsabilidade” era dominante.

Como chegou Francis Coppola a **Gardens of Stone**? Como aconteceu em **Peggy Sue**, tratou-se uma vez mais de uma encomenda. O ponto de partida foi o romance de Nicholas Proffitt, estreia autobiográfica do romancista, relatando o seu percurso, desde a vida de criança nas bases militares, passando pela incorporação no exército, até ao seu trabalho de correspondente de guerra da “Newsweek” em Saigão. Nas mãos de Ronald Bass, o romance de Proffitt transformou-se num argumento cinematográfico depurado, centrando a história na “Guarda de Honra” do Cemitério de Arlington e criando uma unidade de espaço que Coppola transformou num dos valores do filme, na medida em que o Vietname, naturalmente uma referência obsessiva, se converte numa presença (ou numa ausência) fantasmática, elidido enquanto lugar de ficção (a aventura de Willow no Vietname nunca nos é dada, seja como glorificação, seja como “auto-crítica”), sendo a guerra apenas visível enquanto imagem banalizada (porque quotidiana e directa) emitida pela televisão.

Os rituais, os códigos de honra da instituição militar, as relações pai-filho para que tende a ligação entre o sgt. Hazard (James Caan) e o soldado Willow (D.B. Sweeney), terão sido os factores decisivos para Coppola aceitar dirigir o filme. Como foi hábito desde **You’re a Big Boy Now**, Coppola ensaiou os seus actores durante duas semanas, juntando à sua volta (e é aqui que a “encomenda” começa a tornar-se “pessoal”) uma equipa em que o “ar de família” é óbvio: a começar em Fred Roos, o produtor executivo habitual desde **Godfather** associado às grandes opções da carreira de Francis Coppola, passando por Dean Tavoularis e por Barry Malkin, montador de muitos dos filmes de Coppola desde **Rain People**; até aos actores, com o regresso de James Caan (e pergunto-me se não será este o melhor dos seus papéis nos filmes de Coppola), e a presença dos secundários Larry Fishburn, Sam Bottoms (com Coppola desde o **Apocalypse Now**) e Lonette McKee (desde **Cotton Club**).

“**Gardens of Stone** era muito fora do vulgar”, afirma Coppola. “Não sei por que razão me convidaram para o fazer. Tínhamos o argumento sobre aqueles jovens que enterram os mortos em Arlington. Eu disse para os meus botões: ‘Gee, isto não se parece com nada que eu já tenha ouvido – é uma coisa sobre homens que se apresentam a si mesmos como tipos muito emocionais e capazes de amar. Gosto disso’”.

Gardens of Stone, com efeito, não se parece com nada do que até hoje se viu sobre o Vietname, ou sobre a guerra em geral. Não apenas por conceber o Exército (de que o 3º Regimento retratado é uma metáfora) como uma família; não apenas por retratar os soldados como seres de emoção e capazes de amar; mas sobretudo por tudo se conceber e se resolver nesse momento último de íntimo recolhimento em que o heroísmo e a glória já passaram e só resta o esplendor amargo e a harmonia vã de um ritual, esse momento que no comum filme de guerra é fugaz e que Coppola converte no motivo central do filme. A começar, de resto, na fabulosa abertura, com o regimento em formatura, o som dos tambores, os estandartes abertos, nesse funeral que é o primeiro e o último, súmula da mestria de Coppola (a evocar os rituais dos **Padrinhos**), perturbada apenas por essa outra memória que tem raiz no **Apocalypse** e cujos sinais são o som de um helicóptero e a voz que lê a carta – som e voz em *off* – falando-nos de sangue, sacrifício e morte.

Cinco funerais, todos acompanhados pela solenidade da Guarda de Honra, e um casamento, eis a matéria primeira de **Gardens of Stone**. Entre esses rituais, corre a história de Jack Willow – um longo *flashback*, estruturalmente similar ao de **Peggy Sue Got Married**, mas com um pendor fatalista e trágico que aquela evocação dos *sixties* não tinha – o jovem soldado que quer estar onde um soldado deve estar, nessa guerra que, “nem sequer é uma guerra”, onde “não há nada para ganhar, nem maneira de ganhar”.

Por, contra a guerra? **Gardens of Stone** não é de nenhuma dessas “famílias” (ou sou eu que julgo que ele não é, por eu não o ser?). **Gardens of Stone** é muito mais adulto (tão “senil” como John Ford, graças a Deus), filme de luto e elegia, da humana aceitação de um destino que se exprime desde logo na vertical imponência das colunas neo-clássicas da Virginia colonial.